

## Introdução

Roseni Pinheiro

Tatiana Engel Gerhardt

Felipe Dutra Asensi

*Existia um elo secreto entre a ação e o pensamento que consistia no fato de que tanto a ação como o pensamento ocorrem em forma de movimento e, portanto, a liberdade subjaz a ambos: a liberdade de movimento.*

Hannah Arendt,  
*Homens em tempos sombrios*<sup>1</sup>

Esta coletânea convida os leitores a adentrarem o tema “Vulnerabilidades e resistências na integralidade do cuidado”, que se inspira no método indiciário<sup>2</sup> como estratégia de comunicar publicamente as diferentes produções acadêmicas e científicas de seus integrantes. A Rede Multicêntrica de Pesquisa Incubadora da Integralidade em Saúde contribui com textos inéditos de seus pesquisadores e parceiros, celebrando os 15 anos do Grupo de Pesquisa do CNPQ LAPPIS, com a realização do XV Seminário Integralidade: saberes e práticas no cotidiano das instituições de saúde – Edição Multicêntrica. Comemora, ainda, os cinco anos de existência das “Incubadoras da Integralidade em Saúde”, no bojo do XVI Seminário integralidade: saberes e práticas no cotidiano das instituições de saúde, realizado em 2016 no Hospital Sofia Feldman, em Belo Horizonte-MG.

1 ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Tradução Denise Bottman; posfácio de Celso Lafer. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

2 Carlo Ginzburg cunhou a expressão “paradigma indiciário” em um ensaio intitulado “*Spie: Radici di un paradigma indiziario*” (“Sinais: raízes de um paradigma indiciário”), publicado na coletânea *Crisi della ragione*, organizada por Aldo Gargani, Editora Einaudi, 1979.

Cabe ressaltar que, nos anos de 2015 e 2016, o Grupo de Pesquisa do CNPq LAPPIS organizou e realizou o maior número de seminários, simpósios e devolutivas em seus 17 anos de existência. Assim, a organização desta coletânea vem reiterar sua política editorial de cultivar a prática acadêmico-universitária de “comunicação e engajamento público” dos conhecimentos produzidos por seus integrantes e convidados, como estratégia não somente de prestação de contas pública dos resultados e produtos gerados em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, mas reafirmar sua responsabilidade pública com a sociedade que a sustenta.

A *indissociabilidade* como exercício teórico e metodológico aponta, nos textos aqui reunidos, uma agenda de investigação em curso, compartilhada em diferentes pesquisas, oficinas, disciplinas, simpósios, colóquios, seminários e congressos em âmbitos nacional e internacional. Neles se incluem análises sobre os conflitos entre diferentes configurações socioculturais, revelando problemas de ordem mais geral e por vezes atos de contestação de ideias solidificadas sobre determinados fatos e períodos.

Este trabalho, quase de artífice<sup>3</sup>, como definido por Richard Sennett, traz a possibilidade de uma abertura de diálogo entre práticas concretas e ideias, exigindo desenvolver uma capacidade que configura um processo prolongado e repleto de significados em seus percalços. A dificuldade e a incompletude são nexos constitutivos desta coletânea, e levam dialeticamente a novos rumos e objetivos ao longo de sua construção. Desta forma, exercer a indissociabilidade significa buscar permanentemente a superação de dicotomias entre teoria/prática, sujeito/objeto, empiria/razão, a fim de constituirmos outro fundamento epistêmico.

Entendemos que tais dicotomias são frutos da lógica clássica do modo de pensar binário e linear, cuja elaboração se faz de acordo com o modelo idealizado de pensamento, neste caso ocidental, que desconsidera as possibilidades de autoria do seu oposto ou divergente, sendo as práticas o foco de nossa atenção. Mais uma vez apoiados em Roberto Esposito, ousamos oferecer a eficácia de um pensamento vivo, incorporando o saber do outro – pesquisador e pesquisado

3 O termo “artífice” aqui utilizado se inspira na obra de Richard Sennett que defini como aquele que se preocupa com o trabalho bem feito, “pelo prazer da coisa benfeita”.

– como caracteres profundos da genealogia da integralidade como princípio e ação, a fim de proporcionar uma resposta radical à defasagem entre ciência e vida<sup>4</sup>, diante do excesso que a vida, na integralidade do cuidado, apresenta diante de todas as alternativas de compreendê-la conceitualmente.

Assim, nós, do Grupo de Pesquisa do CNPQ LAPPIS, nos posicionamos epistemologicamente na recusa a toda forma de dualismo e a favor da imanência como horizonte ético-político-formativo na produção do conhecimento sobre vida, cuidado e saúde. Esse entendimento tem permeado a produção do Grupo de Pesquisa LAPPIS, ao longo de seus 15 anos de existência, e esteve presente de forma intensa na realização do XV e XVI Seminários do Projeto Integralidade, realizados, respectivamente, em 2015 e 2016.

No XV Seminário do Projeto Integralidade, comemoramos 15 anos ininterruptos de encontros anuais organizados pelo Laboratório de Pesquisas sobre Práticas de Integralidade em Saúde (LAPPIS/IMS-UERJ), apresentando como título central a “Produção, Visibilidade e Democratização do Conhecimento sobre o Cuidado: as práticas como fonte de teoria viva na Saúde Coletiva”. Estruturado como uma edição multicêntrica, esse evento ocorreu de forma descentralizada, em seminários em quatro regiões do país, realizados em períodos distintos: Edição Sudeste – de 20 a 22 de maio de 2015, no Instituto de Medicina Social/UERJ e no Hospital Sofia Feldman em Belo Horizonte-MG. Edição Centro-Oeste – de 1 a 3 de julho de 2015, na Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, com apoio da FAP-DF. Edição Nordeste – de 22 a 23 de outubro de 2015, no Instituto de Saúde Coletiva da UFBA. Edição Norte – de 11 a 14 de novembro de 2015, juntamente com I Congresso de Saúde Coletiva da Amazônia – CONESC, na Escola Superior de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Amazonas, com apoio da FAPEAM. Já o XVI Seminário do Projeto Integralidade, realizado em conjunto com o IV Encontro de Incubadoras da Integralidade, que teve como tema central “Populações vulneráveis e a promoção de equidade: a mulher na

<sup>4</sup> ESPOSITO, R. *Pensamento Vivo: origem e atualidade da filosofia italiana*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

luta pelo direito de ser na integralidade do cuidado”, foi realizado de 28 a 30 de junho de 2016, no Hospital Sofia Feldman, em Belo Horizonte-MG.

Nesses seminários foram abordados diferentes temas – Comunicação pública do conhecimento científico; Direito à comunicação e informação na saúde; Fronteiras da formação para a integralidade do cuidado; O livro como narrativa científica para o conhecimento sobre as práticas na Saúde Coletiva; Clínica, cuidado e integralidade; Interfaces da integralidade em saúde; Justiça e direito à saúde; Produção, visibilidade e democratização do conhecimento sobre o cuidado; Interdisciplinaridade; Novos objetos e perspectivas epistemológicas para investigações sobre integralidade em saúde; Direito humano à saúde na Amazônia –, todos amplamente debatidos na modalidade de mesa-redonda. Em todos os eventos, foram oferecidos minicursos e oficinas gratuitamente.

Vale aqui destacar a Edição Nordeste do XV Seminário do Projeto Integralidade, que juntamente com o Grupo de pesquisa FASA, instituiu o tema “Vulnerabilidade, Direito Universal à Saúde e Mobilização Social”. A conferência de abertura, “Desafios atuais à universalização do Direito à Saúde”, foi proferida pelo professor titular Jairnilson Paim, do Instituto de Saúde Coletiva da UFBA. No roteiro da programação, contamos com a realização de quatro mesas-redondas que abordaram os seguintes temas: Iniquidades raciais em saúde; Populações vulneráveis e direito à saúde; Cronicidade; Participação, controle social e luta pela inclusão em saúde. Esses temas funcionaram como verdadeiros eixos temáticos para a convocação de resumos de trabalhos, dos quais se selecionaram 63 comunicações coordenadas e 15 trabalhos na modalidade pôster, compondo o “Varal de Pôsteres” do evento. Todos os resumos estão sendo organizados para publicação na forma de anais, com lançamento previsto para breve.

A presente coletânea, *Vulnerabilidades e Resistências na Integralidade do Cuidado: pluralidades multicêntricas de ações e a (re)forma do conhecimento*, nos pareceu um mote conceitual, pois conta com a pluralidade de temas e a diversidade de metodologias, constituindo *par excellence* a malha epistemológica que nos caracteriza como rede de pesquisa. Seu escopo plasmou o objetivo profícuo e permanente de sistematizar resultados e procedimentos de pesquisa-extensão/intervenção, cujo objeto se centra nos saberes e práticas de saúde para

a integralidade do cuidado, em suas dimensões técnicas, éticas e culturais na efetivação do direito à saúde. São definidos os elementos que favorecem a articulação das ações de intervenção, integração e interdisciplinaridade entre os campos da saúde, educação e trabalho.

No ano de 2016, iniciamos os preparativos para o XVI Seminário do Projeto Integralidade na Região Norte do país, na Universidade do Estado do Amazonas, integrando as atividades comemorativas da Semana de Enfermagem da Escola Superior de Ciências da Saúde com a realização do “Ciclo de Palestras sobre Cuidado, Ética e Direitos Humanos”. No dia 12 de maio de 2016, realizou-se uma mesa de debate intitulada “Cuidado e Ética na Saúde”, sendo composta pelas professoras Agnes Heller (NNSR/USA) e Bethania Assy (UERJ/PUC-Rio), com mediação da professora Roseni Pinheiro (UERJ). Fruto de uma parceria virtuosa entre o Grupo de Pesquisa do CNPQ LAPPIS e a Escola Superior de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Amazonas, no âmbito do Doutorado Interinstitucional CAPES Instituto de Medicina Social da UERJ, esta mesa possibilitou alargar a mentalidade sobre as questões relacionadas à construção de identidades e seu reatamento na questão da ética no mundo contemporâneo. São questões que perpassam a interioridade de reflexões sobre a integralidade do cuidado, no que tange à superação dos dualismos, e garantem uma leitura dos pressupostos da necessidade de ampliar o debate sobre individual e coletivo, valores sociais e valores universais, o cuidado e a ética. Nesta mesa, a professora Agnes Heller proferiu a palestra intitulada “*Ethics and Care*”, que discute a formação de identidades e sua consciência na era moderna, sendo seu texto gentilmente oferecido para esta publicação.

Ainda na esteira do XVI Seminário Internacional do Projeto Integralidade, promovemos o IV Encontro da Incubadora da Integralidade, comemorando a só tempo dez anos de parceria LAPPIS-Hospital Sofia Feldman. O tema do evento, “Populações vulneráveis e a promoção de equidade: a mulher na luta pelo direito de ser na integralidade do cuidado”, nos desafiava a compreender as transformações das experiências dessa luta e sua relação com a saúde de forma alargada, no que concerne à diversidade de suas contribuições disciplinares do campo da Saúde Coletiva. Constatou-se que, nos últimos dez anos, o governo brasileiro vinha acumulando expertise na temática dos direitos das mulheres,

mediante a decisão de implementar um conjunto de iniciativas de apoio ao desenvolvimento tecnológico, logístico e científico. Influenciava-se positivamente não somente os indicadores de saúde, mas os indicadores sociais. O forte incentivo ao progresso do estoque de conhecimento sobre o direito ao cuidado das mulheres destinava-se a fortalecer o planejamento das ações no campo da gestão e financiamento dos serviços de saúde, assim como na formação permanente de profissionais, e integrava um conjunto de medidas capazes de enfrentar os desafios na afirmação da vida e dos princípios da universalidade, integralidade e equidade.

No IV Encontro das Incubadoras de Integralidade, oferecemos a compreensão do que significam essas incubadoras, a partir da análise do sociólogo da Universidade de Buenos Aires, professor Pablo Francisco Di Leo, no texto *“Cuidando experiencias, autonomías y agencias: herramientas teóricas y prácticas en torno a las incubadoras de integralidad”*, adensando sua expressão acadêmico-científica como iniciativa de constituição de redes de pesquisa na América Latina. Vale lembrar que a ideia de incubadora da integralidade compreende experiências inovadoras nas quais ensino, pesquisa e extensão andam efetivamente de mãos dadas. Como diz o próprio nome, têm a ver com a ideia de concepção e gestação de ideias e, em linhas mais gerais, com a noção de processo e maturidade.

Existem três incubadoras, sendo duas no Brasil (Belo Horizonte-MG e Rio Branco-AC) e uma na Argentina (Buenos Aires). Nelas os temas de pesquisa-ensino-extensão são trabalhados de maneira diversa, de acordo com as especificidades de cada região e país, sendo prioritárias as áreas da saúde materno-infantil e de saúde mental. Diante da necessidade de discutir a vinculação dos conhecimentos produzidos pela rede, há a crítica aguçada e pertinente sobre os veículos da produção de conhecimentos no campo da Saúde Coletiva, realizada por André Mendonça, com o texto *“O ensaio como (re)forma: manifesto anti-paperialista”*. O autor chama a atenção para o desenvolvimento de nossa capacidade sobre as narrativas dessa produção e o modo como as veiculamos no campo da Saúde Coletiva, destacando a modalidade ensaio como veículo mais dialogável na oferta de contribuições capaz de transformar a realidade de modo criativo, libertário e compromissado, frente à hegemonia dos *“papers”* no campo da saúde.

Tendo em vista a diversidade de temas e os distintos contextos em que foram elaborados, organizamos esta coletânea sem dividi-la em partes, pois cada texto se organiza e se estrutura no plano do real concreto de sua formulação, onde buscamos por meio das notas de rodapés oferecer pistas sobre os cenários de produção. Vejamos essa trajetória.

Num movimento contra-hegemônico, reafirmamos a importância do tema sobre as mulheres (adultas e jovens), suas lutas históricas de resistências e sua relação com as políticas públicas, destacando o combate à violência de gênero, pelo direito à escolha do modo de parir, as lutas por reconhecimento e o papel das instituições de ensino na integralidade do cuidado à mulher em situações de vulnerabilidades. Nesta temática, cinco textos inéditos oriundos desses seminários são voltados para o debate crítico, assumindo um posicionamento ético-epistemológico-político frente ao cenário brasileiro atual. São eles: “Políticas públicas e atenção às mulheres em situação de violência: contribuições acerca da integralidade em saúde”, de Ana Flávia Pires Lucas d’Oliveira e Lilia Blima Schraiber; “Redes de Políticas Públicas e os desafios para a Integralidade do Cuidado à Mulher: lugar de mulher é onde ela quiser”, de Ana Heckert”; “A mulher na luta pelo direito de ser na atenção ao parto”, de Dário Frederico Pasche, Esther Vilela e Isabela Garcia dos Santos; “*Pruebas, soportes y luchas por el reconocimiento: experiencias migratorias de jóvenes mujeres en barrios populares*”, de Pablo Francisco Di Leo e Silvia Alejandra Tapia; e “Instituições de ensino de saúde e desafios da integralidade do cuidado à mulher em situações de vulnerabilidade social: feminino, saúde e política”, de Maria Elizabeth Barros de Barros e Maria Carolina de Andrade Freitas.

Também os temas da formação e seus conteúdos epistemológicos e práticos foram contemplados. Os cinco textos aqui oferecidos trazem contribuições plurais e transversais sobre as abordagens utilizadas para sua compreensão, como pensar e agir nas práticas de ensino amistosas à integralidade do cuidado. Percorrendo suas construções, o leitor encontrará leituras sobre: os cenários diversificados a partir dos saberes e práticas de integralidade do cuidado – “Cenários de aprendizagem, estratégias e motivações para formação dos profissionais de saúde”, de Gilson Saippa Oliveira, Lilian Koifman e Vivian de Carvalho Reis Neves; e “Cenários diversificados de aprendizagem na formação em Saúde

Coletiva: reflexões a partir dos saberes e práticas da Integralidade”, de César Augusto Paro e Roseni Pinheiro”; a transversalidade da formação e no cuidado em saúde – “Formação e Cuidado em Saúde: produção de transversalidades”, de Fabio Hebert da Silva e Gustavo Nunes de Oliveira; “O pensar e o agir na formação em saúde: reflexões interdisciplinares sobre as contribuições de Paulo Freire e Hannah Arendt”, de César Augusto Paro, Karina Moraes Bermuzes, Neires Alves Freitas, Vinícius Azevedo Machado e Roseni Pinheiro. Este último texto propõe as afinidades epistemológicas entre as contribuições de Hannah Arendt e Paulo Freire, para problematizar o pensar e agir na formação em saúde.

Inserese ainda, na temática central desta coletânea, o tema dos direitos, por meio de contribuições analíticas sobre questões inerentes às experiências do seu exercício nas instituições jurídicas e de saúde, e nas situações de privação de liberdade: “A saúde é diferente? experiências inovadoras das instituições jurídicas na efetivação do direito à saúde”, de Felipe Dutra Asensi e Roseni Pinheiro”. Há as questões de raça e etnia: “Ativismo e itinerários na luta pelo direito ao cuidado integral em saúde em duas experiências de cronicidade: doença falciforme e leucemia mieloide crônica”, de Clarice dos Santos Mota, Leny Alves Bomfim Trad, Yeimi Alexandra Alzate López e Altair dos Santos Lira; “Proteção social e racismo institucional: desafios no caminho da juventude negra em três capitais brasileiras”, de Leny Alves Bomfim Trad, Diana Anunciação Santos, Camila dos Santos Souza Andrade, Eliene dos Santos de Jesus, João Miguel Diógenes de Araújo Lima e Samuel da Luz Barros”; “Vulnerabilidades e agir comunitário em três territórios: periferia urbana, o semiárido e aldeias indígenas”, de Leny Alves Bomfim Trad, Janaína Braga de Paiva, Marie Agnes Aliaga, Léo Pedrana e Ana Clara Rebouças Carvalho”; e “Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade no Sistema Prisional: um desafio para o Sistema Único de Saúde brasileiro”, de Marden Marques Soares Filho e Mara Fregapani Barreto”.

No que tange aos direitos, apontamos um tema subjacente à participação, melhor dizendo, à participação do pesquisado (movimentos sociais por direitos à saúde) ou a incorporação de suas demandas específicas nos fóruns institucionais de participação social – o Conselho Nacional de Saúde e sua relação com as respostas oferecidas para seu enfrentamento. São os textos: “As movimentações

de pessoas com deficiência em conferências de saúde: entre invisibilidades e desafios para o direito à comunicação e informação”, de Marina Maria; e “Participação da sociedade civil e o engajamento público na agenda nacional de prioridades em pesquisa: o cotidiano do CNS com foco na hanseníase”, de Marcelo Luciano Vieira e Roseni Pinheiro; e “Saúde mental e cidadania na vida cotidiana: fortalecendo o protagonismo do movimento social na luta pela reforma psiquiátrica no Acre”, de Rodrigo Silveira, Juliana Lofego, Érica Fabíola Silva, Emelym Daniela S.Tonelly, Valéria Matos, Domisy Vieira Anute e Eufrasia Cadorin.

Na luta acadêmico-político-pedagógica dessa rede de pesquisa, não se pode deixar de considerar os contextos nos quais estamos inseridos, as situações de vulnerabilidade a que estamos expostos e a escolha de estratégias de resistências que podemos assumir para superar os obstáculos e dificuldades. Diferentemente dos outros eventos do Grupo de Pesquisa do CNPQ LAPPIS, não foi possível produzir em registros, por meio de coletâneas de textos, todas as contribuições advindas dos pesquisadores docentes, discentes e movimentos sociais que compõem a rede multicêntrica de pesquisa e a incubadora da integralidade, e de todos os convidados que participaram desse conjunto de eventos. Essa rede também vem sendo afetada pelos efeitos e repercussões desses contextos, marcados sobretudo pelo “produtivismo concorrencial”, que de modo idiossincrático acirra as disputas na produção do conhecimento científico, e na Saúde Coletiva não é diferente. Entendemos que essa idiossincrasia tende a invisibilizar os contrastes inerentes às análises de uma realidade plural de coisas, na medida em que seus integrantes também se defrontam cotidianamente com esse “produtivismo”. As práticas científicas e acadêmicas têm-se tornado cada vez mais um trabalho árduo, face à exigência diária de atender as métricas de avaliação que insistem nos sucumbir em nossos desejos, sonhos e anseios. Lutamos para produzir cada vez mais uma “ciência aberta”, responsável pelo mundo que observa, indaga e a desafia, seja no que se refere aos marcos regulatórios que a normatizam, seja na defesa e afirmação de sua pertinência social.

Por último, cabe salientar que têm sido recorrentes os fatos de que os sujeitos - atores e autores - desse trabalho de artífice vêm sendo submetidos a situações limites, deparam-se com este cenário e são atingidos por seus efeitos.

Há estudos que apontam para as exigências em torno do “produtivismo” acadêmico, com vias a aumentar a produtividade e o desempenho. Estes são as principais responsáveis pelo adoecimento e quadros de sofrimento entre os pesquisadores inseridos nesse cenário. Adoecimento, sofrimento e morte são alguns dos efeitos que têm acometido docentes, estudantes, líderes de pesquisa e gestores do conhecimento. Assim, esta coletânea representa um esforço de resistência de promover uma “ciência aberta”<sup>5</sup> cujo modelo de prática científica, em consonância com o desenvolvimento da cultura digital, visa disponibilizar informações em rede, em oposição à pesquisa fechada. Adicionamos a esses fatos a gravidade do cenário político-institucional onde vivem a educação, a ciência e a tecnologia no Brasil, onde temos constatado cada vez mais indícios de recrudescimento e retrocessos sociais, políticos e econômicos no país. Vivemos *tempos sombrios*, e por isso devemos pensar no que estamos fazendo e como nos movimentamos, pois como ensina Rosa de Luxemburgo, “quem não se movimenta não sente as correntes que o prendem”.

---

5 OLIVEIRA, A.C. S.; SILVA, E M Ciência aberta: dimensões para um novo fazer científico. *Inf. Inf.*, Londrina, v. 21, n. 2, p. 5-39, maio/ago. 2016.